
PESQUISA EMPÍRICA E TRABALHO DE CAMPO: ALGUMAS QUESTÕES ACERCA DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO

Prof. Dr. Rosselvelt José Santos

Instituto de Geografia – Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO: *Este texto tem por objetivo discutir as características básicas da pesquisa empírica e do trabalho de campo na Geografia. Entre as questões abordadas estão: a relação pesquisador-pesquisado; a relação da atividade científica com a vida prática dos grupos sociais pesquisados; o lugar que se pesquisa no qual estão envolvidos padrões sociais de moral e de conduta; a responsabilidade do pesquisador face aos grupos sociais que se estuda e cujo lugar analisado é real e concreto.*

Palavras chaves: Pesquisa empírica, trabalho de campo, relação pesquisador-pesquisado.

ABSTRACT: *This work aims to discuss the basic characteristics of the empirical research and the field work in geography. Between the approached questions, there are: the relation researcher -researched; the relation of scientific activity with the practice life of searched social groups; the place where the researches are made, in which are evolved social patterns of moral and conduct; the social responsibility of the searcher face to social groups which ore studied and which analyzed place is real and concrete.*

Key worlds: empirical research, field work, relation researcher/researched.

Atualmente ser geógrafo significa participar de inúmeras discussões, conviver com dúvidas e oportunidades para pensá-las. Na verdade, participamos de um momento em que as clivagens sociais apresentam novas problemáticas. Nesta perspectiva, a Geografia tende a resgatar os autores clássicos para compreender essas novas interpretações. Mas se vamos pensar o nosso momento, precisamos enfrentar o sentido, as direções dos processos históricos-sociais e abrir novas perspectivas de reflexão na Geografia.

Assim, neste texto pretendemos discutir o trabalho de campo, ou seja, o levantamento empírico como potencialidade para ampliarmos o rigor das investigações a respeito do momento que estamos vivendo. Não pretendemos defender receituários de procedimentos para se pensar a

Geografia frente ao empírico, mas discutir o trabalho de campo, diretamente relacionado à observação participante. Entre os problemas que enfrentamos no campo, está a inserção do pesquisador no vivido, o encontro dele com o pesquisado, com o conhecido e o desconhecido.

Consideramos o vivido como resultado de fatos que elevam o lugar como pertencimento, como uso do real. Os conceitos, os atributos transmitidos e inventados, derivam de virtualidades e de possibilidades elaboradas no processo dos “homens” ganharem a vida e darem importância aos acontecimentos, cuja tendência é ocupar uma posição de particularidade e de diferença.

Neste sentido, evitamos de imediato a sedutora tentação de negarmos os procedimentos,

as categorias e os conceitos herdados de outros momentos. Também evitamos o dogmatismo, o pragmatismo para que o pensamento se torne fértil e livre para especular o mundo prático. Assim, parece ser bem mais salutar começar reconhecendo o conhecimento geográfico como um processo. Reconhecer, significa aceitar que o conhecimento Geográfico depende de outras ciências e de teorias não geográficas e que tal dependência, fez e faz parte da Geografia. Desse modo, significa reconhecer que é possível e mesmo indispensável examinar e discutir os meios de enriquecer o conhecimento geográfico.

Portanto não nos interessa nesse momento, fazer uma análise crítica da história do pensamento geográfico, mas sim vislumbrar caminhos por onde e pelos quais poderíamos recuperar alguns conceitos e procedimentos na relação pesquisado-pesquisador.

Os métodos de observação praticados por Max Sorre⁽¹⁾ no início do século permitiram à Geografia estabelecer com a realidade dos pesquisados, trabalhos de campo em que era possível encontrar maior respaldo e cooperação dos grupos sociais com a pesquisa. No âmbito de cada problemática, o pesquisador no trabalho de campo não mantinha apenas a posição de quem observava e participava da realidade estudada, estava também desde o início revelada a sua identidade e os objetivos do trabalho.

Essa posição de começar a pesquisa deixando claro os princípios e os objetivos do trabalho, permitia ao pesquisador ter acesso às informações confidenciais e inclusive receber auxílio dos grupos pesquisados.

Podemos afirmar que os geógrafos do princípio do século viveram experiências empíricas importantes ao analisar as realidades pesquisadas. No campo, podia-se ter acesso à

informações que em certos momentos pareciam repetir-se de modo enfadonho, mas em outras realidades revelar-se diferente, nova, e sob vários aspectos, surpreendentemente fascinante.

Essas incursões ao campo, que envolviam participações no vivido das comunidades, do conhecimento e das investigações dos atributos da cultura, os quais se manifestavam em cada indivíduo e grupo de forma particular numa mesma área, teve lugar na Geografia de Max Sorre com a denominação de gênero de vida. Partindo da justaposição dos atributos culturais como sendo determinados pelas marcas do gênero de vida sobre os homens e seus grupos sociais, Max Sorre analisou realidades culturais na América Meridional e Central. Estas, apesar das influências européias e a introdução de novos modos de vida, demonstravam nos seus hábitos, tais como os alimentares, a marca que o gênero de vida, imprime, ao mesmo tempo, sobre o grupo e os indivíduos.

Portanto, para Max Sorre (1955), a investigação participativa é um momento da pesquisa em que se pode comparar uma gama variada de informações e tirar as suas conclusões. Desse modo, o aprendizado em relação às formas de se conseguir informações confiáveis depende muito da sensibilidade e da capacidade do pesquisador em comparar, discernir e intuir suas observações, em cada caso abordado. Tudo isso, não exclui é claro, considerações a respeito da metodologia de Max Sorre, pois apesar do longo período que nos separa das suas obras, algumas idéias que serão apresentadas, podem ser sugestivas para pensarmos as nossas atuais pesquisas de campo.

Como uma das preocupações de Max Sorre no campo, era comparar as problemáticas tratadas nos estudos realizados no continente americano, o trabalho de campo foi suficiente

para que ele concluísse que havia sobrevivência de aspectos originais de gêneros de vida, mesmo em meio às influências externas e introdução de novas culturas.

"El pasado nunca muere por completo: las costumbres alimenticias, en el grado que expresan los rasgos profundos del ambiente geografico, sobreviven en medio de habitos nuevos" (2)

Este geógrafo, definido por Morais ⁽³⁾ como um reciclador da Geografia Humana concebida por Vidal de La Blache, pensa os gêneros de vida relacionando-os ao habitar, como uma noção extremamente rica para as investigações em Geografia humana:

"Los microclimas artificiales, realizados por el hombre para sustraerse a los rigores del clima o simplemente por el hecho de su aglomeración en las ciudades, eluden toda a clasificación rigurosa."

En la mayoría de los casos, si no en todos, el problema del abrigo es un problema de protección contra los rigores del clima. Únicamente no lo han resuelto un número muy pequeño de grupos humanos. Las soluciones son muy variadas, dependiendo a la vez de los recursos del ambiente local, del género de vida e del grado de civilización; su estudio constituye uno de los grandes capítulos de la geografía humana."⁽⁴⁾

O tratamento dado ao gênero de vida e à relação com o habitat em Max Sorre é um procedimento metodológico para definir os elementos sob os quais os grupos humanos organizam-se, alteram-se e transformam-se no mundo moderno. Para Max Sorre, a importância do gênero de vida nas análises geográficas representa o entendimento dos processos de humanização do meio. Nos seus estudos,

podemos entender que a análise geográfica deveria abarcar o processo de humanização do meio, as condições reinantes e suas relações, com os seus habitantes.

Max Sorre também analisa Gênero de vida pelas ações materiais e imateriais. Na conclusão dos seus estudos a respeito dos "Fundamentos Biológicos de la Geografía Humana" podemos identificar a importância em valorizar no homem, sua disposição mental e assim entender as suas criações na relação com a natureza.

"... a lo largo de estas páginas hemos evocado o papel importante de los sentimientos, de las ideas, de las disposiciones humanas para explicar los aspectos geográficos de su actividad. Nada se explica completamente con las ecuaciones energeticas. En todo hay una parte de ensueño y de ilusión. La manera de vestirnos, de alimentarnos, tanto depende de nuestra imaginación como de nuestras necesidades reales".(5)

Nos elementos indicados por Max Sorre reconhece-se a importância para os estudos geográficos, em se considerar as condições reinantes e as relações que os habitantes mantêm entre si, levando em conta os sentimentos, as imaginações e a religiosidade. Essas indicações propõem ao estudo da realidade, elementos que permitem aprofundar a análise ao nível do vivido, indo, portanto, além das considerações sobre a organização espacial dos grupos sociais pesquisados, cuja dinâmica está sendo determinada nos processos de produção e reprodução da sociedade capitalista.

A partir das considerações a respeito da investigação empírica, o caminho proposto pela Geografia do início do século, nos fornece sugestões interessantes para pensarmos outras possibilidades e aprofundarmos nossas investigações a respeito das práticas e das

maneiras como os homens das nossas pesquisas atuais se relacionam.

Pode se dizer que nessa posição, o geógrafo Max Sorre realizou importantes descobertas para a Geografia e outras ciências afins. Mas a Geografia passou por outros momentos, fêz escolas e como exemplo, no Neo Positivismo-quantitativista chegou mesmo a negar a importância do trabalho de campo. Essa negação propagou-se, inclusive, na Geografia Crítica e fez eco em outros momentos.

Assim, reconhecendo que o trabalho de campo teve seus momentos de valorização e até negação na história do pensamento geográfico, podemos afirmar que vivemos na atualidade experiências semelhantes, como pesquisadores. Na realização de trabalhos de campo, considerando-nos sujeitos da pesquisa e do conhecimento, muitas vezes procedemos como objetos daqueles que pesquisamos. Enfim somos, ao mesmo tempo sujeito-objeto da pesquisa.

Entretanto, na vida cotidiana, sujeitos e objetos, agem e reagem continuamente uns sobre os outros, tornando-se assim, um desafio separar o sujeito do objeto. Contudo, é comum ouvir de um pesquisador a respeito daquilo que se estuda, tratamentos de pertencimentos, hierárquicos, como 'meus lavradores, meus trabalhadores e meus pesquisados'.

Ao assumir a possibilidade de fazer a crítica não podemos negar que a produção do conhecimento seja um fenômeno social. Porém, a condição que possibilita esse conhecimento advém de um processo histórico no qual estão imbricados indefinidamente sujeitos e objetos. Reconhecer essa relação, implica em identificarmos nos grupos sociais que estudamos, as condições em que são exercidas suas experiências cotidianas.

Todavia, não basta afirmar que sujeitos e objetos interagem na vida prática, é necessário pensar, analisar e respeitar essa interação, visto que seus pressupostos são dados pela vida social. Nela, descobrimos outros homens que agem e reagem segundo sua realidade. Como pesquisadores precisamos reconhecer que eles agem sobre nós e nós com nossas investigações, objetivas e lastreadas por referenciais teóricos e metodológicos, agimos sobre eles e com eles, ou seja, interagimos com eles.

A nossa presença na vida prática desses homens implica em estabelecermos relações cada vez mais complexas e difíceis de serem avaliadas, visto que desenvolvemos nossas pesquisas individuais junto à grupos sociais complexos e, certamente, abrimos enormes possibilidades de conhecermos tanto eles, quanto eles a nós mesmos. Nesse processo, os pesquisados nos transmitem, através e pelo vivido, um imenso conhecimento daquilo que procuramos esclarecer ou explicar e, assim, chegamos aos resultados de nossas pesquisas.

Se concordarmos com o que foi dito e apresentado, concluiremos que o pesquisado representa uma grande possibilidade de partirmos não da "ignorância" empírica do fenômeno que se estuda, mas podemos seguir um caminho repleto de questões e alternativas importantes para se alcançar os objetivos da pesquisa.

O conhecimento da realidade passa por determinações materiais que constituem a realidade e é elaborado, dentre outras coisas, pelas relações estabelecidas entre homens e objetos, num longo processo histórico que fundamenta a prática exercida no vivido dos grupos sociais, a partir de suas diferentes formas de organização.

No que concerne ao vivido, o trabalho de campo tem nos colocado diante de algumas dúvidas. Como explicar os acasos, as indeterminações e as implicações do conhecimento científico, acadêmico, frente à realidade que estudamos? Em primeiro lugar, não podemos ignorar que durante a pesquisa podem haver respostas desconstruídas e interpretações parciais. Do mesmo modo, não podemos pensar ou admitir uma situação de diálogos claros, objetivos, com narrativas pontuais, acabadas e reveladoras das problemáticas. A vida vai acontecendo, antes, durante e depois da pesquisa. Em segundo lugar, na relação pesquisado-pesquisador, todo o resultado supõe um processo que pode ir tanto da ignorância completa do pesquisado em relação ao pesquisador, como da valorização e incorporação do conhecimento do pesquisado.

O que pretendemos dizer é que tomar como ponto de partida, o conhecimento do pesquisado para promover descobertas é um esforço do pesquisador em relacionar o conhecimento prático aos objetivos da pesquisa. Porém, não se está defendendo uma posição onde o pesquisador eleve ao absoluto os conhecimentos adquiridos pelo pesquisado. É importante ter prudência e cautela visto que o conhecimento não se revela de um só golpe, mas tateando-se a verdade vamos avançando nossas descobertas.

A partir dessas considerações, nos parece prudente observar que uma pesquisa que não considera o pesquisado como uma importante parcela da realidade a ser conhecida, pode hipertrofiá-la, chegando a olhar os homens de um determinado fenômeno, apenas como objetos a serem descritos. Sendo assim, muito provavelmente eles serão considerados como meros informantes que nunca poderão contribuir para ajudar a decifrar os enigmas da pesquisa.

Eles podem, inclusive, ser explorados pela própria pesquisa, pois muitas vezes esta se incumbem de sonegar ao pesquisado, os conhecimentos necessários para o seu desenvolvimento, principalmente, humano.

Assim sendo, resulta uma pergunta: Como uma pesquisa, que separa da realidade pesquisada, o saber prático adquirido, conquistado pela experiência de grupos sociais atinge o conhecimento? Nesse caminho, podemos não enxergar nada além dos nossos referenciais teóricos e, conseqüentemente, elevá-los ao absoluto e, violentarmos a realidade. As interpretações podem tornar-se alienantes, pois como é possível uma pesquisa, que divide e estanca a realidade prática dos pesquisados, derrubar preconceitos e alargar fronteiras?

Nossa resposta a tal situação é poder constatar a existência de uma limitada valorização do pesquisado, decorrente de princípios muito gerais, a respeito dos processos da sociedade com os atributos humanos que lhe são próprios. Assim, do ponto de vista filosófico, o método deve abordar a seguinte questão: "(...) o ser humano, é sujeito-objeto: ele pensa, é sujeito, mas sua consciência não se separa de uma existência objetiva, seu organismo, sua atividade vital e prática. Ele age, enquanto tal e é objeto para outros sujeitos agentes;"⁽⁶⁾

Apesar de evidenciarmos a necessidade de considerarmos os grupos sociais como sujeitos e objetos da sua realidade, geralmente, temos problemas de sua inserção na sociedade. Podemos afirmar que um grande problema enfrentado pelos pesquisadores que tentam estudar organizações, grupos e comunidades é a dificuldade de serem aceitos no lugar que se quer observar, perguntar, questionar e fazer pesquisa.

O LUGAR QUE SE PESQUISA

No lugar que se pesquisa, os observados agem sobre as coisas, exploram, ocupam, transformam e se transformam lenta ou rapidamente. É preciso compreender que as práticas que se tornaram ou se tornam possíveis no lugar, fazem dos homens sujeitos e objetos de processos que totalizam esforços em produzir espaços. Essas “coisas” resistem ou cedem, mas também revelam ao pesquisador que os homens do lugar desenvolveram e desenvolvem conhecimentos, estratégias, relações e sabedorias.

No lugar que se pesquisa, os homens sujeitos e objetos da realidade, agem e reagem, sendo que podemos falar de uma perpétua interação, até mesmo numa interação dialética. Mas isso ainda não basta, para entendermos as dificuldades de inserção no vivido dos pesquisados, é preciso ainda dizer que as pessoas, que eventualmente ou costumeiramente, chamamos de objeto da pesquisa, muitas vezes, se anunciam e vão se constituindo durante o trabalho, como a principal resistência em nos receber. Nesta perspectiva, devemos ter em mente seu espaço e seu tempo e assim, considerar os seus valores, sentimentos e capacidade de entendimento dos objetivos da pesquisa.

O espaço e o tempo são categorias básicas para entendermos a condição da existência humana. E, no entanto, raramente discutimos os seus sentidos; tendemos a considerá-los como modernos ou atrasados. O pesquisador, muitas vezes, procede a partir de atribuições do senso comum aos comportamentos dos grupos sociais. Registramos aquilo que pesquisamos, não levando em conta as especificidades desse momento histórico. Consideramos o tempo na vida daqueles que pesquisamos como passível de ser analisado ou expressado em dias, meses,

anos, décadas, como se tudo tivesse o seu lugar numa única escala temporal, objetiva e se possível, linear.

Quando observamos, descrevemos e analisamos o lugar dos pesquisados, seria importante revelarmos as suas especificidades para além do físico. Quantas descobertas importantes realizaríamos se investigássemos e revelássemos as especificidades do espaço vivido dos pesquisados. Poderíamos na investigação do espaço vivido alcançar a dimensão de produto social, pois ele contém relações sociais. A pesquisa de campo poderia ser realizada promovendo-se diálogos entre pesquisado e pesquisador. Nesse momento, nos parece importante considerarmos a contribuição da Geografia humanista a qual “(...) está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência, privilegiando o singular e não o particular ou o universal e, ao invés da explicação, tem na compreensão a base da inteligibilidade do mundo real”.⁽⁷⁾

Nesta abordagem, o entrevistado seria tratado como sujeito da sua realidade. Os seus depoimentos poderiam ser analisados a partir da interpretação dos modos de sentir, pensar, agir e reagir das pessoas.

Diante desse contexto, o gênero de vida torna-se um conceito revalorizado, pois passa a ser considerado na perspectiva não apenas de interpretarmos, mas de compreendermos os modos de sentir, pensar, agir e reagir das pessoas pertencentes à organizações, grupos e comunidades do mundo real, frente às imposições sociais que enfrentam.

Da mesma maneira, a abordagem do espaço vivido deve valorizar a memória das pessoas a respeito das sabedorias, das culturas

e das relações sociais de produção elaboradas e transformadas em identidades, que se fixam no lugar como expressão particular de modos de vida .

A análise desse tipo de memória, que envolve registros de fatos, acontecimentos, sabedorias, estratégias e superações de determinadas imposições que foram acontecendo no vivido, pode ser considerado como uma possibilidade de penetrar no mundo escondido, velado, dos pesquisados. Nesse caminho, a análise da realidade torna-se rica em detalhes. Para tanto, consideramos as contribuições de Ecléa Bosi, sugestivas para ampliarmos os contornos da pesquisa de campo:

“Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se ele não for capaz de sair das determinações atuais. Apurada reflexão pode perceber e acompanhar a evocação. Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição”.(8)

Desse modo, o trabalho de campo, vai além da coleta de dados para desenvolvermos uma pesquisa comprometida com a realidade das populações, visto que será também um esforço acurado do pesquisador em lapidar esse diamante, que é a memória das populações em relação ao vivido. Esse procedimento exigirá dos pesquisadores um respeito radical pelos modos de sentir, pensar, agir e reagir do outro. A partir da memória e do gênero de vida das populações pesquisados poderemos extrair e lapidar os elementos que possam nos permitir compreender com profundidade os sentimentos, as experiências que tornaram possível a vida das pessoas no lugar.

UM MOMENTO DE DÚVIDA

Surgem aqui alguns problemas. Sob o modo de pensar capitalista aprendemos diversas maneiras de conceitualizar espaço. No estudo do espaço, no contato ativo com as idéias de que as condições temporais da existência humana no capitalismo são lineares, evolucionistas e iguais, desconsideramos que as relações sociais “não são uniformes nem têm as mesmas datas”.⁽⁹⁾

Em geral, as práticas dos pesquisadores ignoram esses desencontros e, em particular, interpretam como fluxo de mudança, especialmente, se os resíduos de relações sociais de outros momentos históricos, forem considerados como verdadeiras exceções, cuja tendência geral é desaparecerem.

No estudo e na interpretação do espaço produzimos mapas, gráficos, diagramas, fotografias áreas e espaciais, modelos teórico–metodológicos e, assim por diante para representá-lo. Mas até que ponto são adequados esses modos de interpretação e representação se essas referências, diante do fluxo da experiência humana e dos potentes processos de mudança social, realizam-se na realidade desconstruída temporalmente?

Ocorre que na sociedade moderna podem coexistir “ (...) relações sociais que têm datas diferentes e que estão, portanto numa relação de descompasso e desencontro. Nem todas as relações sociais tem a mesma origem. Todas sobrevivem de diferentes momentos e circunstâncias históricas.”⁽¹⁰⁾

Tratam-se de idéias que aparecem, constantemente, na obra de Lefebvre. Todavia indicam que as relações sociais não são uniformes e se o espaço é social, temos que pensar e explicitar o seu conteúdo como não

tendo as mesmas origens temporais.

A discussão relativa ao espaço pode revelar sua especificidade quando fixamos um ponto de partida, ou seja, como um ser que adquire historicamente a condição social. Como espaço social é histórico, e sob essa condição ganha a dimensão de ser social, contém relações sociais de reprodução e lugares.

Por outro lado, as relações sociais não tendo a mesma origem, significa que sob a lógica do capitalista do lucro e da razão, sobrevivem relações de outros momentos. Portanto, quando se passa da predominância da propriedade fundiária à do dinheiro e do capital, do rural ao urbano, não significa que as relações sociais serão totalmente uniformes como marca da hegemonia de um determinado momento histórico. Pode-se dizer que as relações sociais, como características de um determinado momento histórico, sofrem diferentes engendramentos que terminam por ganhar sentido no desdobramento da história.

Assim, espaço social pode ser compreendido a partir das diferentes formas que assumem, as relações sociais de produção em diferentes lugares. Como “o lugar é geral e particular” das relações sociais de produção e como tal pode indicar as diferentes formas de expressão dos fenômenos sociais, as formas desiguais de reprodução da sociedade devem ser interpretadas para além das perspectivas economicistas, evolucionistas... Para serem profundas, devem considerar o movimento que reproduz as contradições que integram e opõem diferentes sociedades.

Portanto, a constituição dos processos de reprodução da sociedade ainda em movimento, estão assentados numa trajetória desigual e contraditória, onde “ as forças produtivas, as

relações sociais de produção, as superestruturas políticas e culturais não avançam igualmente, simultâneas, no mesmo ritmo histórico”⁽¹¹⁾

Assiste-se, portanto, a desencontros entre vários aspectos da vida social em diferentes lugares. Consequentemente, muitas dúvidas cercam a Geografia, principalmente, se o que dispomos de conceitos, categorias e padrões de interpretações, nos quais se pode ou não pensar um mundo cambiante e surpreendentemente inquietante, “envelhecera e ficaram deslocados do real”. Preliminarmente, e para os fins desse trabalho podemos dizer que a Geografia como toda a ciência, tem seus problemas teóricos. Tais problemas não envolvem somente o que é a Geografia ou qual o seu ponto de partida, envolvem também a construção de caminhos teóricos metodológicos que promovam respostas corretas, cujas tendências deverão ser elaboradas na própria prática da Geografia.

O TRABALHO DE CAMPO COMO UMA PRÁTICA DO GEÓGRAFO.

O que pretendemos discutir é o que podemos por em prática no trabalho de campo. Quando queremos abordar cientificamente uma determinada problemática, elaboramos nosso referencial teórico-metodológico. Este referencial, muitas vezes, é considerado como um norte científico que nos guiará através de um rigor sem falhas. Mas há muitas maneiras de analisar uma determinada realidade e, é importante que não reconhecamos apenas um único método. É evidente que teremos que resistir aos doutrinamentos acadêmicos que ainda insistem na adoção de um único método.

Nesta perspectiva, corremos um sério risco de nos pautarmos num receituário metodológico que funciona como inibidor da criatividade investigativa de cada pesquisador.

Assim, o método pode ser concebido também como um caminho que o pesquisador vai construindo no processo de elucidar, explicar e compreender a sua problemática. Nesta perspectiva, torna-se importante e necessária uma adesão aos conhecimentos de outras ciências sociais e naturais, inclusive, para promovermos abordagens transdisciplinares.

Até mesmo, quando pretendemos realizar um trabalho teórico-empírico e temos como objetivo, promover descobertas, é importante considerarmos a realidade e os homens que a processam. Nesta perspectiva, não podemos negar a importância dos grupos sociais para o estudo a que nos propomos. Esse respeito implica, também, na capacidade de o pesquisador abordar o seu tema, considerando que no encontro entre pesquisado e pesquisador, a língua, herança cultural apresenta limites significativos para se estabelecer diálogos, inclusive, de entendimentos do que se pergunta e daquilo que se responde.

Apesar de pesquisador e pesquisado poderem ser pessoas que falam a mesma língua, os vários falares podem retratar termos, em que a manifestação da pura existência de modos de vidas, absolutos, como um campo de relações entre seres, objetos, lugares, terem interpretações superficiais. Assim, as formações diversas das palavras que se constituem como idéias a respeito da natureza, dos modos de vida, apresentam várias formações de saberes, as quais, podem passar despercebidas do pesquisador.

Como pesquisador e pesquisado são detentores de tradições culturais, é possível que as interpretações dos falares possam ser baseadas em itens lexicais, provavelmente, escolhidos de acordo com as idiossincrasias de cada cultura.

Essa hipótese baseia-se no léxico como uma designação de conjuntos de unidades que formariam a língua de cada comunidade. Por essa razão, o termo léxico é reservado à língua de cada comunidade, em que cada uma tem a posse e a competência de um vocabulário. Desse modo, consideremos o léxico como um dos elementos de base da gramática das comunidades que encontramos em nossos trabalhos de campo.

Partindo-se da idéia de que cada comunidade lingüística é, de maneira geral, herdeira de uma história própria, o trabalho de campo deveria considerar o léxico como um conjunto de palavras que a comunidade adota para se expressar:

"... constituído pelo conjunto de palavras memorizadas por uma comunidade, através de sua existência e, por isso passa a ser expressão da própria história dessa comunidade, de sua estrutura e ideologia, das normas sociais que a regem" (12)

Assim sendo, o tratamento geográfico do espaço, dos grupos sociais que estudamos em trabalhos de campo permite, por essa abrangência, ter a oportunidade de superar as dificuldades de entendimentos entre pesquisador e pesquisado.

No que diz respeito aos diversos discursos geográficos, o que foi dito pode não ser considerado Geografia. No entanto, o que existe em diversos discursos são utilizações de falares de grupos sociais que, provavelmente, funcionam como utilizações e como tal permanecem muito distantes da compreensão profunda da realidade que se estuda. Na verdade, não basta pensarmos somente nas categorias de análise, há necessidade de contemplar as significações dos vários falares dos grupos sociais que pesquisamos, pois são resultados de interações que correspondem à categoria processo, como por exemplo, o ciclo das suas vidas.

Como temos orientado o nosso trabalho na perspectiva teórico-empírica de confrontar as diferentes relações sociais pelo esforço de considerar os grupos sociais a partir do seu lugar, a descoberta científica, a partir do trabalho de campo, implica em considerar os seus representantes para além de um simples informante. Portanto, segundo o que expusemos acima, não significa partir de análises geográficas a fim de levar à frente a Geografia, mas de levar a frente problemas relacionados às particularidades, com que os grupos sociais historicamente têm constituído seus espaços.

Enfim, considerar os grupos sociais pesquisados como sujeito e objeto dos processos históricos é um primeiro passo para reconhecermos a complexidade da realidade social.

Sob vários aspectos, o real continua a mover-se, pois observamos que a transformação do tempo em espaço não elimina a coexistência de relações sociais que têm datas diferentes, que parecem repetir-se como coisas que transmitidas e inventadas que nos desafiam a conhecer a sua dinâmica. Esta que parece evidente é difundida pelas técnicas, idéias, sentimentos, valores e pelas condições sociais que se processam nos lugares em que as pessoas desenvolvem práticas e se realizam no vivido.

Por conseguinte, a questão do trabalho de campo refere-se a uma possibilidade não completamente realizada no mundo de hoje para investigarmos a coexistência de relações sociais que têm datas diferentes e que estão no espaço, porque têm conteúdo, forma sentidos e funções. Este contexto nos coloca diante do problema das condições possíveis da reprodução de posições teóricas que tratam a realidade na e pela superficialidade do mundo.

A importância do trabalho de campo não se limita apenas a ouvir as pessoas; ao sentido que elas dão às coisas; ao terminado; nem tampouco ao real como fato realizado e acabado. A importância do empírico, portanto, é promover contato, ou seja, é a análise voltada para as tendências de interpretações que os pesquisados promovem do mundo, num movimento dinâmico orientado pelas determinações sociais do seu lugar. Tal procedimento implica na compreensão do vivido, o qual deriva dos atos práticos que as pessoas, a partir de suas organizações sociais, vão construindo no tempo e no espaço.

Desse modo, os pesquisados dizem algo, mas parecem não dizer tudo. Seguramente é inadequado considerar que os diferentes falares possam expressar tudo que está acontecendo no lugar. Os lugares e os homens podem também expressar as suas expectativas em relação aos resultados da pesquisa. Como tendência, aos poucos, todas as esferas da vida, podem ser alcançadas pelas problemáticas e dilemas da pesquisa.

A preocupação das populações com o entendimento dos objetivos da pesquisa é uma realidade e nos coloca diante de novas questões, particularmente, do lado do pesquisador, em esclarecer os seus objetivos. A necessidade de superação de questionários e/ou de algumas fichas de trabalho de campo criam um novo relacionamento com o pesquisado, implicando em vivências com comunidades, grupos e organizações sociais.

Nessa perspectiva, o modo de produção e de reprodução de conhecimento, bem como a introdução do pesquisador na realidade do pesquisado implica em novas noções tais como as de ética, comprometimento e respeito às diferenças.

A problemática da pesquisa pode desenvolver-se até o seu esclarecimento a partir de convivências francas e abertas com as comunidades. Em conversas informais, o pesquisador pode obter subsídios importantes para promover a sua discussão em torno das idéias, das técnicas, bem como das condições de transmissão das sabedorias e estratégias de reprodução da vida e organização espacial dos lugares, pois a situação do pesquisador não pode acarretar em superioridade, sob pena de outro calar-se.

Na realidade da pesquisa, o que está em jogo não é somente a produção de conhecimento no sentido clássico do termo. A relação que se estabelece entre pesquisador e pesquisado, observador e observado, é também troca de conhecimento, o que amplia o seu sentido. Além do que, existe também aproximação das pessoas como necessidade ou como modo de se descobrir, ou seja, ir além das superficialidades do mundo moderno.

Cada momento da pesquisa pode abrir um campo ilimitado de possibilidades de descobertas, trazendo como consequência um conhecimento profundo da realidade que se estuda e uma reflexão que a elucide nos seus detalhes mais importantes. Para o pesquisador, este viés aponta para uma mudança no sentido da pesquisa, pois trata-se de um caminho em que não se reconhecem mais os traços hierárquicos que separam pesquisado de pesquisador, observador de observado.

Pensamos que sob a confiança mútua, os objetivos da pesquisa podem ser alcançados de forma segura e tranqüila. A segurança dos resultados se anuncia, a partir do momento em que os objetivos são definidos com clareza e as condições de realização passam pelo conhecimento do imenso conteúdo da vida dos pesquisados. O pesquisado, pode, inclusive, ser

o ponto de partida e de chegada dos objetivos da pesquisa. O pesquisador agindo como pessoa que está interessada em ouvir, colocando o acento sobre o vivido e não sobre o real, aparentemente, forja os instrumentos e as formas objetivas do conhecimento. Este abre, em cada circunstância da pesquisa, uma pluralidade de possibilidades que tornam o trabalho de campo um momento muito rico para qualquer trabalho científico.

Nesse sentido o pesquisado se faz sujeito e objeto da sua realidade, tornando-se o que é na sua vida prática. /

O vivido que se entrevê no horizonte da pesquisa como riqueza, parcialmente realizada, é um elemento indiscutível na elucidação dos enigmas que pesquisamos. Isso posto, temos que a prática e o vivido, apresentam-se para o pesquisador sob a figura da complexidade das relações sociais, dando um novo sentido ao trabalho de campo. Todavia, a relação pesquisador e pesquisado é conflituosa. Mas, como disse antes, podemos e devemos resolver qualquer conflito na produção de um ambiente de confiança. Nesse processo podemos, além de construir a partir da declaração dos objetivos, estipular que a correspondência do resultado da pesquisa com o seu pesquisado, representa a condição geral e necessária para se chegar ao conhecimento.

Ao considerar o lugar como sendo a expressão de relações em que, emergem o vivido, porque é nele que ocorre a unidade da vida social, seguramente, estaremos em condição de não banalizarmos as diferenças. "Da diferença entendida como relação, depreende-se que não se confunde com o acidental, com o que se isolou e assim permaneceu, como uma obra que escapou à homogeneização. Pelo contrário, por não se reduzir a um sentido restrito, a diferença tem um sentido universal.... ligada à condições e circunstâncias locais." (13)

Desse modo, o lugar expressa relações, registra onde e como os homens se encontram e se reencontram com os outros, num espaço real e concreto. Para desvendarmos esses modos de vida e descobirmos como os pesquisados se encontram e se reencontram nos resultados da pesquisa para objetivarem identidades que promovam no espaço usos e apropriações, é necessário que o pesquisador retorne os resultados da pesquisa para os pesquisados.

A ação expressa na construção da identidade com os resultados da pesquisa, no entanto, pode denotar sempre alguma coisa de incompleto e transitivo. A identidade com os objetivos e resultados da pesquisa enfrenta o movimento que passa, mas carrega consigo sentimentos de pertencimentos ao lugar, que nem sempre são ou podem ser apropriados pelas pessoas do lugar. É preciso considerar que no momento da divulgação dos resultados da confrontação, nem sempre vingam as idéias, pois ser do lugar representa enraizamento, espaço que a pessoa se identifica e luta para ser “do seu jeito”.

Portanto, mesmo que o pesquisador tenha o compromisso de retornar os resultados, nem sempre estes são apropriados pelas comunidades locais. Suas “resistências” nem sempre são relativas aos resultados em si, mas à sua condição de capturá-las, de criar novas identidades comunitárias implicadas no conhecimento. Por conseguinte considerar o lugar, significa também reconhecer no pesquisado seus limites, vontades e desejos, tendo visto que nele os homens acontecem e podem tanto se deixar levar pelos resultados da pesquisa, como reagir a tal ponto, de desprezá-los.

Por outro lado, identificar, descrever e analisar as problemáticas da pesquisa, implica em refletir sobre as manifestações do

pesquisado, pois os pesquisados podem (e não se deve duvidar dessa possibilidade) desenvolver alguma esperança em relação aos resultados da pesquisa. Porém, isso não quer dizer que o desenvolvimento da pesquisa traga de fato uma contribuição para o desenvolvimento das comunidades locais em seus vários aspectos.

Para não criarmos falsas expectativas e também para quem pesquisa, seria importante, identificar as problemáticas relacionadas ao que se entende por desenvolvimento. Como pretendemos a partir dos objetivos propostos atingir determinados resultados é perfeitamente possível que o pesquisado se identifique com os resultados da pesquisa e como forças sociais de uma determinada localidade se mobilizam diante das possibilidades apontadas.

Geralmente, a partir do trabalho de campo, procuramos pensar a problemática tendo como ponto de partida a realidade local, mas não pensamos nos desdobramentos que os resultados podem implicar. Uma apropriação desses conhecimentos pelo pesquisado, pode nos revelar muitos elementos não só para elucidarmos, os desdobramentos do conhecimento, mas para construirmos melhor, o nosso trabalho como pesquisador. As saídas para os problemas da comunidade estudada, muitas vezes são construídas na e pela tomada de consciência das potencialidades do lugar.

Portanto, devemos considerar nesta mesma noção de tomada de consciência das potencialidades do lugar, que os fatores de ordem moral e psicológico ocupam um lugar, pelo menos, tão importante quanto os elementos materiais da vida dos pesquisados.

Para trabalharmos a complexidade das relações humanas, nossos esforços podem ser ampliados, na perspectiva da cultura. No sentido

da cultura, valorizamos os modos de sentir, pensar, agir e reagir das populações em relação ao lugar e as relações que estabelecem fora do lugar.

A importância dessa abordagem para a pesquisa que vai estudar uma determinada realidade é, que ela pode ampliar as possibilidades de focar e analisar o nosso problema. Na verdade, investigar uma problemática geográfica tanto física quanto humana, abordando aspectos do vivido dos pesquisados, consiste, basicamente em sabermos como os homens pensam, agem e sentem na sua realidade e que, portanto, não são apenas produtores, ou habitantes de um determinado lugar.

Penetrar e compreender os hábitos, as maneiras de pensar dos moradores do lugar, sejam eles tradicionais ou migrantes, torna-se ainda mais necessário, pois é a partir deles que elaboraremos os nossos diagnósticos. Portanto, se a problemática da pesquisa consiste em descobrir como os membros de uma determinada comunidade conseguiram se reproduzir em um determinado lugar, criando suas identidades no espaço, a observação participante pode ser um procedimento muito importante.

ALGUNS DESAFIOS

Tudo o que foi dito, aumenta a responsabilidade do pesquisador bem como coloca alguns problemas relativos ao encaminhamento do trabalho de campo. Para começarmos essa discussão é importante ter consciência de alguns desafios. Um deles é tentar compreender e aceitar o trabalho de campo também como um momento de respeito ao conhecimento do pesquisado. O outro refere-se a necessidade de ter um comportamento ético na pesquisa, justificando uma indagação que coloca o pesqui-

sador diante de um problema central do retorno dos resultados da pesquisa, aos pesquisados.

Sinteticamente, trata-se de articular uma atividade científica com a vida prática dos grupos sociais pesquisados, na qual estão envolvidos padrões sociais de moral e de conduta. Para isso, algumas premissas são necessárias; como por exemplo, a responsabilidade do pesquisador face aos grupos sociais que se estuda e cujo lugar analisado é real e concreto. Desse modo, mesmo que a pesquisa seja sobre aspectos físicos, ela está fundamentada numa teoria de valores que dificilmente pode transcender as imposições sociais urbano-industriais, cuja lógica e a razão é a do capitalismo.

No entanto, precisamos estabelecer também algumas premissas empíricas para tratarmos do problema. A primeira consideração refere-se à dimensão da pesquisa. Toda a pesquisa, mesmo sendo a mais desinteressada, tem importantes conseqüências para os pesquisados, à medida que o trabalho de campo, nos seus resultados, ofereça informações que tornem mais eficazes, por exemplo, intervenções de políticas públicas ou de empresas privadas. Como a maioria das pesquisas implica em conhecimento, ela possui possibilidades importantes para viabilizar ação, controle e atrações de capitais particulares e investimentos públicos em infra-estruturas.

Quanto aos impactos sociais e ambientais, a pesquisa de campo pode alertar para os padrões estabelecidos, promovendo considerações que podem ser incorporadas na organização do espaço, inclusive, evitando afetar profundamente comportamentos que, dependendo da visão do pesquisador, podem ser considerados positivos ou negativos para as comunidades.

Assim, para estabelecermos uma consciência crítica em relação ao conhecimento produzido e sermos coerentes com os pesquisados, o trabalho científico tem que ser fundamentalmente solidário. No encerramento da pesquisa é necessário que os resultados obtidos sejam de conhecimento do pesquisado e que ele discuta com a comunidade as possibilidades de apropriação. Portanto, para estabelecermos esse comportamento, exige-se do pesquisador um posicionamento crítico e comprometido com a socialização do conhecimento obtido.

Desse modo, o pesquisador não poderá jamais privar os pesquisados dos resultados da pesquisa, mesmo que o contexto histórico em que o pesquisado esteja incluído não lhe proporcione condições materiais e imateriais para absorvê-los e tomá-los como referências para a sua transformação. Mesmo sob tal condição, o pesquisador deverá compreender que essa socialização do conhecimento poderá abrir caminho para possíveis apropriações e realizações sociais que podem resultar das necessidades da coletividade em absorver ou recusar os resultados divulgados.

Nesta perspectiva, não basta apenas estarmos comprometidos em retornar os resultados aos pesquisados; é também necessário mediar essa divulgação criando didáticas para que a comunidade seja capaz de absorvê-las na escala de prioridades dos problemas que ela tem que resolver. Portanto, é importante reconhecer que o conhecimento terá que ser absorvido pela comunidade, pois, é ela quem vai conferir as necessidades e as prioridades.

Assim, numa sociedade de classes, em que o significado da apropriação do saber implica em poder, cabe aos homens que pesquisam divulgar os resultados aos pesquisados, inclusive preocupando-se com uma didática que facilite o

entendimento e as possíveis apropriações sociais, elevando as condições de vida daqueles.

Partindo do que foi dito, a ausência de consciência em relação ao conhecimento produzido não pode ser considerada normal; como não é normal que o pesquisador se desinteresse da sorte dos grupos sociais que estudou ou, ainda, que os grupos sociais permaneçam na ignorância dos resultados da pesquisa da qual eles participaram, muitas vezes como colaboradores.

Essas considerações têm importantes conseqüências, pois o conhecimento geográfico tem compromisso com aquilo que se estuda. Não podemos discutir a Geografia apenas a partir do teórico e conceber, como resultado desse trabalho, os avanços proporcionados por uma multiplicidade de abordagens interpretativas da realidade por várias teorias, inclusive não geográficas. Diríamos que somente as teorias geográficas, na verdade, não garantem o caráter normativo da interpretação final da realidade. Portanto, a pesquisa empírica e o trabalho de campo, deverão garantir abordagens interpretativas da realidade, pois ao invés de buscarmos conceitos puros, a Geografia ampliaria a sua reflexão em relação aos diferentes usos dos conceitos na realidade prática. Assim, a existência concreta de diferentes operacionalidades teórico-empíricas da realidade pode indicar as possibilidades de encontrar em outros pensadores e outras ciências contribuições para o avanço da Geografia.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- (1) SORRE, (Max)imilien, *Fundamentos Biológicos de la Geografia humana. (Ensayo de una ecologia del hombre)*. Barcelona, Provenza, 1955.

- (2) Idem, op. cit. p.214
- (3) MORAIS, Antônio Carlos R. *Geografia Pequena História Crítica*. São Paulo, HUCITEC. 1983.ob.cit. p.81
- (4) SORRE, (Max)imilien, *Fundamentos Biológicos de la Geografia humana. (Ensayo de una ecologia del hombre)*. Barcelona, Provenza, 1955. op. cit. p.33.
- (5) Idem, op. cit. p.333.
- (6) LEFEBVRE, Henri. *Lógica Formal-Lógica Dialética*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira 1995. Op.cit. p.71
- (7) CORRÊA, Roberto Lobato. *Espaço um conceito chave da Geografia*. In: *Geografia: Conceitos e Temas* (orgs). Castro de Elias, Paulo Cezar da Costa Gomes & Lobato, Roberto Correa. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 1995. Op. Cit. p.30
- (8) BOSI, Ecléia, *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*, São Paulo Companhia das Letras. 1994. Op. Cit. p. 87
- (9) MARTINS José de Souza (org) *As temporalidades da história na dialética de Lefebvre* in: Henri lefebvre e o retorno da dialética. São Paulo, Hucitec. 1992. Op. Cit. p.15
- (10) idem, Op. Cit. p.15
- (11) Ibidem Op. Cit. p.18
- (12) PETRI Dino. *A linguagem proibida – Um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo, T. A Queiros, 1983 Op. Cit. p.59
- (13) NASSER, Ana Cristina. Arantes & Fumagalli, Marlene. *A opressão da equivalência, as diferenças*. In: MARTINS José de Souza (org.). Henri Lefebvre e o retorno da dialética. São Paulo, Hucitec. 1992. Op. Cit. p.31.